

Recuo do dólar deve ajudar a reduzir pressão da inflação

IMPACTO DO CÂMBIO

Recuo do dólar deve ajudar a reduzir pressão da inflação

Moeda norte-americana cai 15% no ano e fecha cotada a R\$ 4,747 na sexta-feira, menor valor em pouco mais de dois anos

ANDERSON AIRES
anderson.aires@zerohora.com.br

A queda da cotação do dólar, observada nos últimos dias, deve impactar a economia do Rio Grande do Sul. No âmbito dos consumidores, a moeda americana com valor mais baixo diminui o ritmo de aumento de preços. Para as empresas, esse movimento reduz o retorno de companhias com força na exportação, mas diminui os custos para as que importam insumos e matérias-primas dolarizadas.

A moeda americana voltou a ficar abaixo dos R\$ 5 após cerca de nove meses, fechou uma sequência de oito dias de queda na semana passada e atingiu R\$ 4,747, o menor valor desde 11 de março de 2020, quando encerrou a R\$ 4,723. Neste ano, o dólar acumula recuo de 14,86%.

Em um cenário de inflação e juros altos, o dólar em baixa tira força de um dos elementos que pressionam o valor dos produtos nas prateleiras. Mesmo sem potência para provocar, sozinho, redução de preços, esse movimento deve diminuir a intensidade dos aumentos enfrentados pela população nos próximos meses, segundo especialistas. Combustíveis e alimentos estão no rol de itens que podem apresentar essa desaceleração.

“Folga”

Professor titular do Departamento de Economia e Relações Internacionais da UFRGS, Pedro Dutra Fonseca destaca que o dólar em queda dá “uma folga ao consumidor” nos preços:

– Se o dólar cresce, a inflação tende a acompanhar. Sobre o preço da gasolina, do diesel, das matérias-primas. Assim como vale para cima, também vale para baixo. Se começar a cair o dólar, tem um tipo de pressão deflacionária. Isso de certa forma é uma folga para o consumidor. O problema é saber se essa folga vai perdurar.

A economista-chefe da Federação do Comércio de Bens e de Serviços do Estado (Fecomércio-RS), Patrícia Palermo, afirma que a valorização cambial no Brasil pode evitar altas ainda maiores nos preços dos produtos em um

Os números

Moeda americana engatou sequência de oito dias em queda. Desde a última segunda-feira, está abaixo dos R\$ 5



futuro próximo. Ou seja, não tem força o suficiente para reverter valores em um cenário de matérias-primas e itens com custos elevados, mas diminui o ritmo da subida de preços no comércio:

– Uma coisa não consegue anular a força da outra. A gente vai continuar tendo pressões inflacionárias significativas. Só vamos ter um quadro que diz o seguinte: “Olha, não piora”. Um câmbio que valoriza ajuda a amenizar essa pressão.

Economista-chefe do Sicredi, Pedro Ramos também avalia que a manutenção do dólar com valor mais baixo contribui para desacelerar o aumento dos preços dos produtos. Nesse sentido, essa perda de ritmo é mais observada em itens atrelados ao dólar, segundo o economista:

– Os impactos mais perceptíveis, portanto, acabam sendo em cima de alimentos e combustíveis.

Para as famílias que estão com viagem marcada para o Exterior e precisam usar dólar, Ramos

destaca que vale avaliar a compra da moeda em espécie. Se isso for viável, pode evitar surpresas com impacto de eventual da variação no preço da moeda no cartão de crédito no futuro.

– Diante do tamanho do risco que a gente vive, de guerra, cenário pré-eleitoral, a melhor estratégia é fazer a conta e ver se a viagem e os produtos cabem no bolso com o câmbio corrente. Se é isso, se sente confortável, que se opte por adquirir as moedas. Você chega no local e sabe o preço que está pagando – pontua.

Comércio

O economista-chefe da Federação das Indústrias do Estado (Fiengs), André Nunes de Nunes, afirma que a retração no preço do dólar não chega a prejudicar as exportações gaúchas neste primeiro momento. Mesmo com perda de rentabilidade, a demanda mundial aquecida garante volume de produção e de vendas externas.

Por outro lado, indústrias que importam insumos e produtos ganham vantagem com o dólar em baixa. Isso pode ter impacto nos preços ao consumidor, mas existe um certo atraso nesse processo, segundo Nunes.

– É ruim para o exportador em termos de rentabilidade, mas a gente acredita que ainda não chega a influenciar a demanda por exportações – pontua Nunes.

Mas ele destaca que um eventual cenário de longevidade desse movimento de queda da moeda pode prejudicar os exportadores, principalmente em novos contratos.

Pelo lado dos exportadores, as indústrias calçadista e de máquinas e equipamentos estão entre os segmentos que devem ser mais afetados por essa perda de rentabilidade. Já na importação, as empresas beneficiadas seriam aquelas que dependem mais de insumos de fora do país, como as que produzem materiais plásticos.

Efeitos do juro alto e da guerra

Os efeitos da guerra na Ucrânia e a sequência de altas no juro básico no Brasil estão entre os principais componentes que explicam o recuo do dólar, segundo especialistas. O professor titular do Departamento de Economia e Relações Internacionais da UFRGS Pedro Dutra Fonseca afirma que a queda da moeda norte-americana ocorre, principalmente, diante de fatores internos, que acabam se misturando com aspectos do mercado mundial. O juro alto atrai investidores externos e as commodities se valorizam diante do conflito na Europa, diz.

– Como o Brasil é um grande produtor de minérios e de commodities, uma visão que se tem internacionalmente é de que não é um país que vai ser prejudicado com a guerra. Que não vai ser tão abalado como, por exemplo, os países europeus – explica Fonseca.

O economista-chefe do Sicredi, Pedro Ramos, afirma que, além desses fatores, a relação menos direta de países da América Latina e da África com as regiões envolvidas no conflito no leste europeu também ajuda a explicar a valorização do real na conversão com o dólar. Isso ocorre porque investidores migram seus negócios.

O economista também cita que o Brasil tem potencial de elevar a produção de petróleo nos próximos anos, o que pode entrar nesse movimento de valorização cambial. O fato de o país ter jazidas ainda não exploradas reforça essa avaliação, segundo Ramos.

Futuro

Mas o dólar deverá subir novamente nos próximos meses diante da proximidade das eleições presidenciais, avalia Fonseca. E aumentos da taxa de juros nos EUA também podem reverter cenário de queda da moeda americana, acrescenta, ao atrair recursos de volta ao país norte-americano.

